

A CRIANÇA BRASILEIRA NO SÉCULO XIX NA PERCEPÇÃO DE VIAJANTES INGLESES E NORTE-AMERICANOS: UMA ANÁLISE COMPARADA*

Tania Quintaneiro
UFMG

* Sou grata à Ford-ANPOCS que, no concurso de 1989, concedeu-me um financiamento para a complementação desta pesquisa.

Resumo: A criança brasileira no século XIX na percepção de viajantes ingleses e norte-americanos: uma análise comparada. Este artigo estuda os vínculos entre o mundo infantil e o dos adultos, o significado da maternidade e o papel das amas, as relações interétnicas e suas conseqüências sobre a formação moral das crianças numa sociedade escravista. As situações descritas pelos viajantes são comparadas e contrastadas com experiências equivalentes que tiveram lugar em seus próprios países na mesma época.

Summary: Brazilian children in nineteenth century in the view of English and North American travellers: a comparative analysis. This article deals with the bonds established in a slave society between infants and the world of adults, the meaning of motherhood and the mammy's role, inter-ethnic relations and its consequences on the moral formation of contrasted with equivalent experiences taking place in their own countries at that time.

Introdução

O século XIX teve como um de seus traços mais expressivos o desejo de conquistar para o conhecimento e para

o mercado aqueles mundos que a invenção do navio a vapor aproximara. Cientistas, negociantes, diplomatas, homens e mulheres comuns singraram os oceanos no afã de redescobrir a América. Dentre os ingleses e norte-americanos, cujos itinerários abarcavam as terras brasileiras, muitos deixaram registradas suas impressões em diários, cartas e relatos que vieram a constituir na época uma sorte de gênero literário em que é possível encontrar sinais preciosos para recompor o cenário social do século XIX.

Da vasta quantidade de informações e opiniões vertidas nessas obras a respeito do universo cotidiano, este ensaio focaliza aquelas que se referem à condição da criança brasileira e mais especificamente às conseqüências do sistema escravista sobre sua formação¹. Entre os temas que ressaltam da leitura, há que mencionar: o significado da maternidade e da paternidade para os brancos e o papel das amas, o abandono de crianças, as formas de convívio de filhos naturais e legítimos, a influência da “promiscuidade” doméstica sobre o caráter dos menores, os vínculos entre o mundo infantil e o adulto e a demarcação de suas fronteiras e a efêmera infância das brancas. No decorrer do trabalho serão feitos alguns paralelos entre as apreciações dos viajantes em torno das questões acima apontadas e a situação da criança na Inglaterra e nos Estados Unidos durante o século XIX. Através desta perspectiva comparada, reveladora em si mesma, poderemos, mais tarde, questionar algumas conexões causais que com freqüência se estabelecem entre o sistema escravista e certas facetas consideradas específicas da sociedade brasileira. Isto é muito importante, dado o fato de que interpretações contidas nos livros de viagens têm sido aceitas *prima facie* por ideólogos e cientistas sociais.

Membros da classe média educada, já que eram, na maioria das vezes, profissionais liberais, oficiais, negociantes ou religiosos, os viajantes traduzem, em maior ou menor grau, a ideologia que, desde os fins do século XVIII, vinha se desenvolvendo na Inglaterra e tornou-se conhecida como “vitoriana”. O conjunto dessas idéias e preceitos, que se estendeu também à sociedade norte-americana, patrocinou o chamado “culto da domesticidade” e o paradigma da “maternidade moral”, fornecendo elementos para justificar a nova divisão sexual do trabalho. No decorrer desse processo, os papéis masculinos e femininos e os modelos de vida familiar foram sendo profundamente redefinidos. Consolidou-se, então, o princípio de que cabia à mulher restringir-se à esfera doméstica e nela encontrar sua mais completa realização, enquanto o homem se apossaria da esfera pública, da vida intelectual e do mundo das funções remuneradas. Estabeleceram-se para a mulher as metas irrenunciáveis do

1. Dado que, originalmente, a pesquisa das fontes primárias foi feita com o intuito de estudar as percepções de anglo-americanos a respeito da mulher brasileira, as informações sobre a infância colhidas naquela oportunidade somente o foram na medida em que se referiam ao interesse principal da investigação. Este é, portanto, um dos limites deste ensaio.

matrimônio e da maternidade e da excelência na realização dessas "vocações". A maternidade foi exaltada como a fonte de prestígio da mulher e o lar passou a constituir-se no limite material e imaterial que a encerrava e acompanhava aonde quer que fosse. Com isso, o cuidado com as crianças passou a ser, mais do que nunca, uma atribuição das mães e, em menor extensão, das filhas maiores. Cabia às mães velar pela alimentação e saúde e pela formação moral, cívica e religiosa dos filhos.

A educação formal das meninas foi também demarcada, em termos amplos, de acordo com as especificidades que distinguem o caráter feminino e a necessidade de prepará-las para ser esposas e mães². Destinava-se a elas o aprendizado do papel que um futuro previsível lhes reservava. Os ideais da domesticidade forneciam o modelo para os currículos escolares, inspiravam o campo da literatura chamada "feminina" e os meios religiosos. Conselhos, ensinamentos, debates, sermões e propostas pedagógicas visavam aperfeiçoar as diferenças entre os sexos e, particularmente, dotar as mulheres das qualificações necessárias ao correto cumprimento de suas obrigações. Embora essas idéias tivessem sua principal base de sustentação na burguesia, elas serviram também de inspiração para grupos sociais em ascensão e como padrão de comportamento para as classes trabalhadoras, mormente no que concerne às responsabilidades familiares³. Enfim, na medida em que as sociedades inglesa e norte-americana vinham experimentando profundas redefinições nas esferas da organização do trabalho e da vida familiar, o olhar dos visitantes dessas nacionalidades tornava-se particularmente aguçado para a observação de tais instituições no Brasil e para o impacto do sistema escravista sobre as relações sociais e a desigualdade de poder entre os sexos.

2. Acreditava-se serem os homens "superiores em força e em todas as capacidades racionais (discernimento, julgamento, etc.). As mulheres os ultrapassavam em sensibilidade, graça, delicadeza, imaginação, complacência, as qualidades do coração". N. COTT, *The Bonds of Womanhood "Woman's Sphere" in New England. 1780-1835*, New Haven and London, Yale University, 1977, p. 161.

3. E. S. RIEMER e J. FOULT (ed.) *European Women: a Documentary History. 1789-1945*, Brighton, The Harvester Press, 1983, p. 148.

Algumas questões metodológicas

Os livros de viagens constituem um veio fértil para o conhecimento das sociedades. Ao mesmo tempo, é preciso tomar alguns cuidados, a fim de utilizá-los adequadamente. Talvez o maior valor desse tipo de fontes esteja na sua capacidade de revelar traços da cultura que, por serem demasiado familiares, passam despercebidos aos que são parte dela. Para quem se encontra imerso num sistema social, a realidade lhe parece, muitas vezes, como que parte de uma ordem natural inamovível. O estranho, ao contrário, não se reconhece inteiramente na nova paisagem social e tem suas percepções estimuladas pelo que se

lhe apresenta como novo e singular. É por meio do contraste com sua própria experiência cultural que ele consegue desvendar, mesmo sem pretendê-lo, o caráter social, relativo e precário dos fenômenos que descreve. Por isso, apesar das reações de desgosto ou condescendência que às vezes provoca no leitor, essa literatura costuma esconder um refinado espírito crítico.

Mas precisamente aí, onde estão as virtudes, encontram-se também os limites desses testemunhos. Em princípio, a falta de conhecimento da cultura alheia pode levar o visitante a mal interpretar as mensagens que recebe, atribuindo-lhes outros sentidos. Mais problemático ainda é o fato de que ele tende a radicalizar os contrastes, usando como referência absoluta seus próprios valores, o que acontece de maneira mais implícita do que explícita e, com frequência, sem que haja consciência da utilização desse expediente. No confronto com o diverso, o mais provável é que o estrangeiro fortaleça sua própria identidade cultural. Por isso, a exegese desses materiais demanda, com frequência, a relativização do ponto de vista do observador através de uma pesquisa paralela que leve à compreensão dos sistemas de referências que configuraram seu horizonte cultural. Retrospectivamente, tal conhecimento indica-nos que muito do que os forasteiros viram como novo ou extraordinário ocorria despercebido ou sob outros disfarces em sua própria sociedade, tornando ainda possível criticar a saída fácil de atribuir à herança portuguesa e escravista o papel de causa suficiente para a explicação de quase tudo o que de negativo se encontra na sociedade brasileira.

A miscigenação e a família brasileira

O regime escravista não era desconhecido de ingleses e norte-americanos: o que os surpreendia era o modo como se dava no Brasil o relacionamento entre senhores e escravos. Presenciou-se aqui um processo bastante generalizado de miscigenação que tinha duas conseqüências bem visíveis para os viajantes. De um lado, manifestava-se no país uma "filosófica indiferença" pela cor da pele como obstáculo às uniões sexuais, mantidas em geral as interdições aos consórcios entre as mulheres brancas pertencentes aos grupos médios e dominantes com os negros e a maioria dos mestiços. De outro, produzia-se um sistema marginal de relações familiares que não só podia deixar no desamparo legal as companheiras, como também uma espécie de filhos de "segunda categoria", mestiços que, de acordo com sua

sorte, sobreviviam e eram reconhecidos ou eram simplesmente abandonados ou vendidos no mercado de escravos. Essa situação contraditória dava lugar, entre outras coisas, à deterioração da família enquanto instituição, à opressão da mulher, à irresponsabilidade paterna para com os filhos naturais e ao generalizado desleixo pela infância, aliás temas em pauta ainda em nossos dias. Assim, a miscigenação era uma faceta da sociedade brasileira que produzia nos estrangeiros os sentimentos ambivalentes de repulsa e de fascinação.

O escravismo era também responsabilizado pela devassidão que se percebia no tecido social e, mesmo quando já era possível divisar um término para “a desumana instituição”, acreditava-se que, sob o ponto de vista moral, seu “odioso alcance” era ainda maior e mais revoltante no Brasil do que nos Estados Unidos, talvez devido a que tais relações entre brancos, negros e mulatos eram aqui assumidas num clima moral aparentemente mais condescendente⁴. Por isso, alertavam: “Toda crueldade que os brancos possam infringir aos pretos é amplamente compensada pelos vícios introduzidos na família e aborrecimentos dados aos senhores”⁵. Essa mesma “naturalidade” tornava-as chocantes para a mentalidade de ingleses e de norte-americanos, mesmo que estes últimos estivessem expostos a elas, como se sabe de maneira menos evidente, em seu próprio país. Clinton assegura que no sul dos Estados Unidos, até o final da segunda metade do século XIX, enquanto a infidelidade feminina era efetivamente tabu, as relações extraconjugais por parte do marido, especialmente com escravas, não tinham repercussões sociais. A ponderação feita por uma senhora de plantação sobre o sistema em que vivia ilustra como funcionava a regra de ignorar a existência de tais consórcios: “Nossos homens vivem todos em uma casa com suas esposas e suas concubinas, e os mulatos que se vêem em cada família se parecem até certo ponto às crianças brancas. Qualquer dama está pronta para dizer quem é o pai de todas as crianças mulatas em todas as famílias, menos na sua própria. Aqueles, ela parece pensar, caem das nuvens... Um magnata que mantém um harém negro com suas conseqüências escondido sob o mesmo teto que sua amada esposa branca e suas bonitas e prendadas filhas?! Ele mantém sua cabeça bem alta e posa como modelo de todas as virtudes humanas diante destas pobres mulheres que lhes foram dadas por Deus e pelas leis...”⁶. Por via de regra houve ali um encobrimento das relações sexuais entre brancos e negros. Seu caráter ignominioso levava ao repúdio sistemático de sua existência e à busca de um anteparo ideológico que não só negasse a possibilidade da atração do branco pela escrava como transformasse a subjugação desta em uma pretensa dedicação extrema, mecanismo este tam-

4. J. L. AGASSIZ e E. C. AGASSIZ, *Viagem ao Brasil 1865-1866*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938, tradução Edgar Sússekind de Mendonça, p. 175.

5. D. P. KIDDER e J. C. Fletcher, *O Brasil e os brasileiros*, Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional, 1941, p. 188.

6. C. CLINTON, *The Plantation Mistress — Woman's World in the Old South*, New York, Pantheon Books, 1982, p. 199.

bém usado no Brasil para enquadrar a mãe-preta e as fiéis mucamas. Sem complacência para com interpretações que romantizaram as relações entre os proprietários de terras e suas escravas, Clinton adverte que a celebração de relações amistosas entre negros e brancos que se vê em certa literatura norte-americana e a sentimentalização, até a caricatura, da imagem de negros felizes cantando nos campos omitem qualquer referência às atrocidades cometidas pelos senhores e só enfatizam seu paternalismo cristão. O consentimento de uma escrava, lembra, não poderia ser obtido “livremente” porque ela sequer possuía a si própria⁷. O estado de Virgínia foi o primeiro a modificar, por meio da legislação de 1622, o costume inglês, adotado inicialmente pelos colonizadores da América do Norte, que sancionava que o filho herdava o *status* de seu pai. O costume romano foi então invocado em função de interesses econômicos⁸. Os filhos passaram a adquirir o *status* materno (*partus sequitur ventrem*) redimindo o homem branco de responsabilidades sobre seus descendentes mulatos, embora alguns tivessem sido reconhecidos. De fato, a escravidão levava, nos Estados Unidos, à criação de uma instância legal que manteve separadas a prole branca e a mestiça. Ao mesmo tempo, havia uma moralidade distinta segundo a cor e o sexo. As mulheres eram divididas em duas classes: as damas, sempre brancas e castas; e as prostitutas: as brancas que tivessem desafiado os preceitos de continência e todas as negras, exceto as “mammies”. O mito da sensualidade das mulheres negras serviu como justificativa das práticas sexuais ilícitas dos proprietários de escravos e, ao mesmo tempo, como negação da sensualidade das brancas tanto quanto a dos homens negros. Assim “os patriarcas simultaneamente emascularam os escravos, desumanizaram as escravas e dessexualizaram suas próprias esposas”⁹.

No Brasil, ao contrário do arquétipo norte-americano de negação das relações extraconjugais, principalmente entre brancos e negras, a fidelidade do marido branco não apenas se considerava como utópica, dizem os viajantes, mas até se ridicularizava, e a manutensão de amantes não era segredo. Tal vida não se tornava “uma ignomínia para um homem, em vez disso era como a ordem natural das coisas...”¹⁰. Famílias constituídas por um homem branco, cuja companhia mais ou menos permanente segundo o caso era uma escrava ou uma mulher mestiça eram comuns, particularmente no interior do Brasil. Mas o espantoso para a maioria dos anglo-americanos, além do grande número dessas uniões interétnicas, era o fato de elas serem geralmente vistas no país como algo corriqueiro, sendo socialmente aceitas. Para alguns, uma das explicações plausíveis para que isso viesse ocorrendo era que faltavam brancos disponíveis

7. C. CLINTON, op. cit., p. 213.

8. C. CLINTON, op. cit., p. 203. Na Antigüidade romana, “os filhos das escravas, quem quer que fosse seu pai, eram propriedade do senhor, assim como a cria de seus rebanhos; o amo decide criá-los ou, ao contrário, enjeitá-los...”. Os filhos abandonados, mesmo de mães livres, podiam tornar-se escravos de mercadores ou outros interessados que os recolhessem. P. VEYNE, “O Império Romano”, in: P. ARIÈS e G. DUBY (org.), *História da Vida Privada*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, vol I, pp. 32 e 62.

9. C. CLINTON, op. cit., p. 222.

10. W. A. COOK, *By Horse, Canoe and Float through the Wilderness of Brazil*, Akron (Ohio), Werner Co., 1909, pp. 192-3.

para o matrimônio. No litoral, os portugueses encontravam genros nascidos no Velho Mundo e “o mendigo de mais alto nascimento era preferido aos mais ricos nativos”, mas nas províncias internas não havia tanta fartura de brancos e “o mulatismo tornou-se um mal necessário”¹¹. Maria Graham repete quase as mesmas palavras: os portugueses “preferem dar suas filhas e fortunas ao mais humilde caixeiro de nascimento europeu do que aos mais ricos e meritórios brasileiros”. Ela acreditava que “os portugueses europeus ficam extremamente ansiosos por evitar o casamento com os naturais do Brasil” demonstrando, dessa forma, já estarem “convencidos das prodigiosas dificuldades, senão malefícios que fizeram a si próprios com a importação de africanos”¹². E a solidão em que viviam muitos homens brancos, “isolados num deserto e não tendo qualquer restrição das opiniões da sociedade” possibilitava que eles se “acomodassem” com as mulheres a seu alcance. Completava-se, assim, o binômio que induzia “muitos no país a prescindirem de uma esposa”¹³, nesse caso, sinônimo de moça branca para casar legalmente. Desse “desregramento” nem os ingleses escapavam, conclui um norte-americano, referindo-se a um certo Mr. Fox, comerciante solteiro que, já sexagenário, desfrutava, em sua casa, da companhia de uma senhora negra e viçosa, de pouco mais de trinta e cinco anos, que atendia à mesa e desincumbia-se das demais tarefas de qualquer dona de casa¹⁴. Conquanto alguns visitantes considerassem as escravas, e mesmo outras mulheres, indignas do papel de “esposa”, reconhecem que quando aqueles laços espúrios chegavam a se consolidar, “as leis do casamento eram tão respeitadas quanto em qualquer país da Europa”, e as companheiras acabavam por assumir a honrosa posição. Isto é, se o senhor, ao atingir idade mais avançada e consolidar sua posição econômica, não saísse em busca de uma esposa branca e jovem, os filhos mulatos podiam tornar-se os seus únicos herdeiros. Durante uma visita, em Bertioga, Walsh defrontou-se com a abrumadora presença de “uma enorme negra” que, diz ele, “veio e sentou-se para olhar para nós. Ela era a companheira de nosso pequeno anfitrião e a mãe de algumas crianças mulatas que possuíam toda a propriedade de seus pais”¹⁵. Os frutos nascidos dessas uniões eram livremente expostos, o que quase nunca acontecia com esposa e com as filhas brancas legítimas. A enorme quantidade de descendentes mestiços fez com que um naturalista alemão, conhecedor do costume de se ocultarem as mulheres brancas, dissesse que era fácil acreditar que “os fazendeiros só tinham filhos com as negras”¹⁶. Na maioria dos exemplos, no entanto, tem-se a impressão de que era mais fácil, senão econômico, para o homem branco aproveitar-se das mulheres que não podiam exigir dele compromissos formais, mas lhe ofereciam os mesmos “serviços” que

11. R. F. BURTON, *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, São Paulo/Belo Horizonte, Ed. Itatiaia/EDUSP, 1976, p. 319.

12. M. GRAHAM, *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823*, tradução e notas Américo Jacobina Lacombe, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1956, p. 137.

13. J. MCF. GASTON, *Hunting a Home in Brazil. The Agricultural Resources and other Characteristics of the Country. Also the Manners and Customs of the Inhabitants*, Philadelphia, King & Baird Printers, 1867, p. 22.

14. J. MCF. GASTON, *op. cit.*, p. 22.

15. J. W. WALSH, *Notices of Brazil in 1828 and 1829*, Boston, Richardson, Lord & Holbrook, William Hyde, Crocken & Brewster, and Carter, Hendee & Babcock, 1831, 2 vols, vol. II, p. 53.

16. G. W. FREYREISS, *Viagem ao interior do Brasil*, tradução A. Lüfgren. Belo Horizonte/São Paulo, Ed. Itatiaia/EDUSP, 1982, p. 35.

uma esposa branca e legal. Por fim, conclui-se, até os homens acabam por sentir “uma estranha aversão pelo casamento”, passando a não gostar de se casar para sempre e, na medida em que “a humana lei latina... facilita o reconhecimento dos filhos ilegítimos”, são retirados os atrativos que restam ao matrimônio¹⁷.

17. R. F. BURTON, op. cit., p. 319.

Certos “arranjos” familiares podiam levar à convivência, sob o mesmo teto em que vivia a esposa legal e os filhos legítimos, de filhos naturais e uma ou mais mulheres com as quais o chefe da família mantinha um relacionamento sexual, ocasional ou permanente. Incrédulo com o que vira numa venda em Confisco, um viajero manifesta que não imaginava ser possível viverem numa mesma casa, com um mesmo marido, “duas mães, uma negra e uma branca, e doze crianças de todos os tamanhos, sexos e cores, algumas com cabelos lanosos e faces escuras, algumas com a pele pálida e longas tranças”¹⁸. Isto expressava, de fato, a grande opressão e controle exercidos sobre a mulher, fosse ela branca, mestiça ou negra, emudecida pela força da instituição do concubinato “legal” ou da aberta exploração sexual, tendo de lançar mão das armas a seu alcance para sobreviver socialmente: o silêncio ou a sedução... Por isso, buscou-se também a origem de tal amoralidade no caráter daquelas que eram, mais provavelmente, vítimas do sistema: as escravas e suas filhas. Os estrangeiros observam também que os homens da melhores classes na vila de Crato, citam-se o juiz de órfãos, o juiz de direito e a maior parte dos comerciantes, raramente viviam com as esposas... “Poucos anos depois do casamento, separam-se delas, despedem-nas de casa e as substituem por mulheres mais moças que estão prontas para suprir-lhes o lugar sem se prenderem pelos vínculos do matrimônio. Sustentam, assim, duas casas”¹⁹. Nota-se que aqui se diz que são as mulheres as que estariam dispostas a entabular relações adúlteras. Regras a respeito do celibato religioso, do incesto e da poliginia eram, todas elas, cândida e abertamente desrespeitadas. Conta o mesmo autor que o filho de um padre, possuidor, ele também, de um título eclesiástico e senador do império, “veio visitar o pai trazendo consigo sua amante, que era sua prima, com oito filhos dos dez que ela lhe dera, tendo além disso cinco filhos de outra mulher, que falecera ao dar à luz o sexto”. Um outro sacerdote, “bem educado, humano e benévolo”, tinha morrido deixando “uma família de meia dúzia de filhos de suas próprias escravas, os quais, juntamente com as mães, em cativo, foram vendidos depois, com os objetos para pagamento das dívidas do morto”²⁰. Assim, ligações entre brancos e negros ou mulatos desaguavam sempre num rebaixamento moral insuportável dos primeiros e em repercussões insidiosas sobre a vida social, sendo a mais dramática delas o grande número de filhos naturais.

18. J. W. WALSH, op. cit., vol. II, p. 137.

19. G. GARDNER, *Viagem no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*, tradução Albertino Pinheiro, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1942, p. 153.

20. G. GARDNER op. cit., p. 281.

21. J. W. WALSH, op. cit., vol. I, pp. 194-195: "Há cristãos tão desgraçados que vendem por algumas moedas os filhos que têm com suas escravas e, todavia este fato é tão vulgar que no Brasil e para vergonha da humanidade, se reproduz diariamente". G. W. FREYREISS, p. 128.

22. J. W. WELLS, *Exploring and Travelling Three Thousand Miles through Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão - with an Appendix Containing Statistics and Observations on Climate, Railways, Central Sugar Factories, Mining Commerce, and Finance; the Past, Present and Future, and Physical Geography of Brazil*, London, Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1866, 2 vols, vol. II, p. 222.

23. J. L. AGASSIZ e E. C. AGASSIZ, op. cit., pp. 332-333. Com os surtos de industrialização, ocorreram na Inglaterra grandes migrações de jovens camponesas, quase sempre para centros distantes de suas vilas de origem. Com isto, houve um aumento no número de nascimentos ilegítimos. As famílias passaram a ter menores condições de exigir a realização do matrimônio de modo a que a paternidade dos bebês fosse assumida.

Calculou-se que os filhos ilegítimos constituíam a metade ou a quarta parte do total dos nascimentos no Brasil e censurou-se o desleixo e a crueldade dos pais para com os filhos naturais. Aqueles não só eram capazes de vender seus próprios descendentes, separados ou não de suas mães, quanto de mantê-los como escravos. Assim ocorreu a um bonito menino branco, filho de um inglês com sua escrava, que chamou a atenção do reverendo Walsh. "Chocado e incrédulo, diz, eu neguei a possibilidade de seu pai saber que a criança era escrava; mas fui informado que ele não somente sabia... mas que em outras ocasiões vendera seu próprio filho junto com a mãe"²¹. Esse tipo de instituição acabaria levando, crê o autor, a que os filhos cativos destruíssem seus pais como forma de escapar à escravidão. Outro inglês deparou com cinco ou seis jovens que trabalhavam, numa fazenda em Tocantins, vestidas apenas com saias andrajosas e cuja sujeira escondia a cor quase branca de sua pele. Não fossem seus cabelos desgrehados e a expressão rude, elas seriam bastante bonitas. Elas eram "escravas do Capitão, possivelmente suas próprias filhas"²².

Por outro lado, a situação de desamparo em que viviam muitas mães e filhos tinha, entre suas conseqüências mais graves, o demérito da figura do pai. Mesmo pessoas de boa educação, entre as quais "se esperaria encontrar o conhecimento das leis mais rudimentares da moral", eram capazes de responder "sorrindo e com a maior simplicidade" à pergunta sobre o paradeiro do pai de uma criança: "Não tem pai, é filha da fortuna". E não se notavam nessas mães "queixa nem tristeza e, pelo menos na aparência, nenhuma consciência de vergonha e de falta, como se o marido estivesse morto ou ausente... Quase nunca as crianças sabem coisa alguma sobre os seus pais"²³. O abandono era uma conseqüência quase inevitável de um sistema pautado por tais características.

A convivência doméstica: crianças e criados

Desmerecida pela utilização do trabalho escravo, a maternidade como valor moral não parecia interessar muito de perto às classes dominantes brasileiras. O papel das senhoras parecia reduzir-se meramente a parir um grande número de criaturas e, em seguida, entregá-las para que uma ama de bom leite as amamentasse e criasse. Apesar de se questionar o tipo de donas de casa que poderia resultar de mulheres cuja educação era tão relegada, algumas foram consideradas mães dedicadas e afetuo-

sas. A negligência com que se deixavam crescer os pequenos entregues às escravas tornava surpreendente a existência de fortes relações afetivas entre mães e filhos. Entre alguns elogios ao amor filial e ao comovedor costume que tinham os filhos de pedir a bênção antes de dormir e ao amanhecer, critica-se o desmazelo da mãe branca: inexperiente, sem paciência, sem autoridade, indolente e, embora amorosa, em geral sem recursos espirituais ou intelectuais para educar os filhos. Enfim, a formação moral e a civilidade da criança branca acabavam por depender de criados ou estavam marcados pela sua convivência com eles. A interferência da mãe servia, ao contrário, para mimá-la em excesso.

Os viajantes deram-se conta de que eram as mulheres negras as que estavam quase universalmente responsabilizadas pela criação dos meninos e meninas brancos e de seus próprios filhos entre os quais os bastardos havidos com os senhores. "A mãe brasileira, quase invariavelmente, entrega o filho a uma preta para ser criado. Assim que as crianças se tornam muito incômodas ao conforto da senhora, são despachados para a escola"²⁴. Às vezes, as menores tinham cada uma sua babá, enquanto as mais crescidas contavam com a companhia das amas secas, das "crias" moleques e mucamas e demais criados domésticos cujo número nas casas parece ser às vezes superior ao dos brancos²⁵. A tarefa da mãe reduzia-se a coordenar essa profusão de servidores. As amas negras eram tidas como notáveis no cuidado dos pequenos. Elas levavam e amamentavam seus bebês ao peculiar modo africano²⁶, mas os filhos dos senhores eram "por vezes carregados dessa maneira por suas criadas, e é extraordinário verificar como se encarinham rapidamente das pretas, que parecem ter uma verdadeira aptidão para tomar conta de crianças"²⁷. A ama era, então, a mãe por excelência, uma conveniente mãe substituta e, em geral, reconhecida-se, afetuosa, ainda que reduzida à condição de objeto ou de animal²⁸.

Na França, onde havia mais mulheres casadas trabalhando e uma maior população rural disponível próxima aos antigos centros urbanos, as amas-de-leite foram mais largamente utilizadas do que na Inglaterra. Porém, as demandas impostas, em algumas regiões inglesas e francesas, às mães operárias levaram-nas a trabalhar muitas horas longe de casa, de modo que não podiam amamentar seus filhos. Os reflexos dessa situação podiam ser vistos nos índices de mortalidade infantil e nos sofrimentos infundidos às mães pobres, solteiras ou casadas. As trabalhadoras de Manchester e as imigrantes irlandesas eram chamadas ao trabalho dez a quinze dias depois do parto e queixavam-se de dores nos seios apoiados. Sob tais circunstân-

24. D. P. KIDDER e J.C. FLETCHER, op. cit., p. 181. Parece que a branca não vê a hora de livrar-se de seus próprios filhos, entregando-os a mãos alheias. Gilberto Freyre atribui esse comportamento à fragilidade das jovens mães, demasiado imaturas para procriar e amamentar, assim como ao antigo costume de contratar amas que já vigorava em Portugal.

25. Em Barra do Rio Negro, três crianças brancas eram atendidas, respectivamente, por três indiozinhos de nove ou dez anos que atuavam também como companheiros de folgedos. "A tarefa daqueles era obedecer implicitamente às ordens de seus pequenos amos... e nunca deixá-los". W. H. EDWARDS, *A Voyage up the River Amazon Including a Residence at Para*, London, John Murray, 1847, p. 139.

26. A título de anedota, vale relatar que um naturalista surpreendeu-se por nunca ter visto entre as negras "um só caso, como contam os viajantes, de que as mães amantassem os filhos que traziam nas costas com o peito jogado por cima do ombro". Elas se limitavam, esclarece, a deixar que seus bebês mamassem, mesmo enquanto trabalhavam, enfiando-se debaixo de seu braço. G. W. FREYREISS, op. cit., p. 133.

27. J. WETHERELL, *Brasil: apontamentos sobre a Bahia 1842-1857*, tradução Miguel P. do Rio Branco, Salvador, Banco da Bahia S/A, 1973, pp. 74-75.

28. As amas-de-leite eram conhecidas como "cabras" e assim anunciadas nos jornais para compra, venda e prestação de serviços.

29. W. NEFF, *Victorian Working Women - an Historical and Literary Study of Women in British Industries and Professions 1832-1850*, London, Frank Cass & Co. Ltd., 1966, 2ª ed, p. 41.

30. L. TILLY e J. SCOTT, *Women, Work and Family*, New York and London, Methuen, 1978, pp. 132-133. Um jornal de medicina ainda defendia, em 1905, a amamentação efetuada pela ama, mais do que através de mamadeiras, quando a mãe não tinha leite. OAKLEY, op. cit., p. 44.

31. C. CLINTON, op. cit., pp. 201-203.

32. P. GAY, *A experiência burguesa - Da Rainha Vitória a Freud - A educação dos sentidos*, trad. Per Salter, São Paulo, Cia. das Letras, 1988, p. 251. A respeito dos usos na França ver P. ARIÈS, "Da família medieval à família moderna", in: *História Social da Criança e da Família*, trad. Dora Flaksman, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 2ª ed, 1978.

33. C. CLINTON, op. cit., p. 47.

34. M. GRAHAM, op. cit., pp. 251-252.

35. R. F. BURTON, op. cit., p. 333.

cias, os bebês eram alimentados três vezes ao dia e mantidos quietos graças à "mistura de Godfrey", composta de láudano, um tranqüilizante à base de ópio de largo uso entre as mulheres, e melado²⁹. Sendo ainda desconhecidos os processos de esterilização, a incidência de moléstias digestivas era muito maior entre os bebês que recebiam alimentação artificial e, por isso, os custos foram altíssimos para as mães trabalhadoras e para as crianças³⁰.

No sul dos Estados Unidos, a prática de empregar escravas como amas-de-leite parece não ter sido tão frequente quanto sugere o folclore. A figura da "mammy" negra teria servido mais a propósitos ideológicos: para embelezar, com um símbolo positivo e aparentemente dessexualizado, o passado escravista³¹. Um manual publicado em 1859 nos Estados Unidos mostra que, na época, as amas-de-leite não gozavam de muito boa reputação. Somente se, "por motivo de doença, falta do leite materno, acidente ou algum outro processo natural, a mãe fosse proibida do prazer de amamentar ela mesma o seu bebê", é que se considerava a hipótese de se contratar uma, "escolhida e examinada com cuidado"³².

Os anglo-americanos em geral estranhavam ou mesmo condenavam a presença, nas residências brasileiras, dos escravos e de crianças negras ou mestiças em contato tão íntimo com a família branca, já que tratados prescritivos vinham, desde o final do século XVIII, alertando-os "sobre os efeitos daninhos dos criados sobre as crianças entregues a seus cuidados. Babás e governantas foram desacreditadas como supervisoras de filhos preciosos. Literatura aconselhadora específica do sul [dos Estados Unidos] avisava sobre os perigos envolvidos de se deixarem crianças sob a destrutiva influência dos escravos que delas cuidavam"³³. Enquanto na Inglaterra a proteção das moças era entregue a uma governanta ou camareira "bem educada, de bom caráter e de boa moral", que suplementava as funções maternas e "servia de freio para o comportamento", lembrava um comerciante inglês estabelecido no Rio de Janeiro, "no Brasil os serviçais são escravos, e, por conseguinte, inimigos naturais de seus senhores, dispostos a decepcioná-los e desejosos disso e de assistir à corrupção de suas famílias"³⁴. Seu comportamento e fala licenciosos não concorriam para que as jovens conservassem a inocência. Por outra parte, a conjugação entre o clima, que por si já não "favorecia a castidade", e "o sangue misturado" tinham como resultado uma sensualidade inflamável...³⁵. No sul norte-americano, o companheirismo entre filhos de brancos e filhos de escravos era também alvo de cuidados e, especialmente ao atingirem a adolescência, os meninos brancos

eram doutrinados a manter um sentimento de suspeita e uma atitude de superioridade em relação aos negros. Mesmo assim as crianças brancas estavam também expostas ao sexo ilícito, às doenças venéreas e à devassidão moral quase sempre atribuída pelas senhoras aos negros e “não aos seus próprios maridos, irmãos, filhos e pais”³⁶. Embora ali a virtude das mulheres brancas fosse sinônimo de culto à castidade, esta não sofria qualquer ofensa diante do desumanizado objeto nu representado pelo corpo de um escravo já que aquelas tinham sido “treinadas para responder aos negros não como seres humanos, mas como uma propriedade viva... como animais de estimação...”³⁷. Os europeus que visitaram os Estados Unidos nessa época ficavam chocados com a tolerância feminina diante da nudez de jovens negros que serviam à mesa ou se apresentavam diante das moças, talvez esquecidos de que, um ou dois séculos antes, seus aristocratas desnudavam-se diante de seus criados e pessoas socialmente inferiores como se elas não existissem ou mesmo como prova de consideração³⁸. Ainda que invertida, era também uma forma de reificação da pessoa do criado doméstico.

Tais percepções a respeito da convivência cotidiana com os criados introduzem, sob uma perspectiva fundada nas conseqüências de um irremediável antagonismo entre o amo e o escravo, a idéia da existência de “uma outra praga da escravidão” que acabava por diminuir a qualificação moral dos brancos, comprometendo o caráter das crianças às quais era permitido, por pais descuidados, ignorantes ou indiferentes, “crescer ao acaso em meio a hostes de escravos e vagabundos da pior espécie, onde elas presenciam, e aprendem a praticar, todas as vilezas, de que sua tenra idade é capaz”³⁹. O convívio incessante com os criados negros e “mais ainda com os negrinhos que sempre existem em quantidade” dentro das casas acarretava uma falta de educação doméstica “profundamente entristecedora”... E o estrangeiro julgava-se numa posição privilegiada para enxergar imediatamente “os perniciosos resultados desse contato com a grosseria e o vício”⁴⁰. O recinto doméstico adquirira uma aura sacralizada entre os anglo-americanos, principalmente os das classes médias. A intromissão de estranhos e, especificamente no caso do Brasil, a mistura étnica e de classes, entre adultos e crianças, livres e escravos, entre brancos, negros e mestiços, entre filhos legítimos e naturais tinha a conotação de promiscuidade social e parecia transmitir aos viajeros a sensação de que os estratos subordinados eram capazes de “contaminar” moralmente os demais, aviltando-os. Um visitante se disse particularmente impressionado pelo fato de um major brasileiro, que dizia não ter filhos, conceder a algumas crianças negras tão grande liberdade de freqüentar cômodos da casa que deve-

36. C. CLINTON, op. cit., p. 91.

37. C. CLINTON, op. cit., p. 209. Diante de seus inferiores a nudez dos romanos era uma experiência cotidiana, e não estava presa à generalização da vergonha sexual, diz P. BROWN em “A Antigüidade Tardia”, in: *História da Vida Privada*, op. cit., pp. 235-236. O costume de considerar os criados como seres alheios aos atrativos do corpo desnudo também vigorou entre os europeus até pelo menos a Idade Moderna.

38. N. ELIAS, *O processo civilizador. Uma história dos costumes*, trad. Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

39. J. Luccock, *Notes on Rio de Janeiro and the Southern Parts of Brazil, taken during a Residence of Ten Years in that Country from 1808 to 1818*, London, Samuel Leigh, 1820, p. 117.

40. J. L. AGASSIZ e E. C. AGASSIZ, op. cit., p. 571.

41. J. Mc. F. GASTON, op. cit., pp. 134-135.

42. D. P. KIDDER e J. C. FLETCHER, op. cit., p. 149.

riam ser exclusivos da família. A atenção que lhes dava o major o fez supor que, talvez para distrair-se, ele fazia dos “pequenos negrinhos animais de estimação”⁴¹. É possível que aqueles fossem seus filhos naturais com os quais mantivesse um relacionamento afetivo não incomum no Brasil. Em outra ocasião, os filhos de uma ama-de-leite a quem se concedera alforria foram criticados por se comportarem como qualquer filho mimado, sentindo-se ofendidos se não eram levados pelas senhoras a passear nas carruagens⁴². Sem dúvida aqueles “pequenos bípedes” foram julgados muito atrevidos para o gosto anglo-americano: intrometidos na privacidade dos cômodos internos, exigentes de carinho e atenção, tais “criaturas de cabeças lanosas” eram levadas em conta como teriam direito se fossem meninos brancos.

Porém, os “prejuízos da intimidade” com os criados já eram percebidos pelos próprios brasileiros que a todo instante queixavam-se de ter de se separar dos filhos, a fim de educá-los “longe da influência perniciosa dos escravos domésticos”. Graham relata uma conversa com uma senhora durante um baile ao qual foram trazidas inúmeras crianças de tenra idade. Ao adverti-la de que na Inglaterra isso seria considerado “malféfico para elas, sob todos os pontos de vista”, sua interlocutora quis saber o que faziam os britânicos de seus filhos em tais situações. “Alguns estariam na cama e outros com as amas e governantes”, disse-lhe Graham, ao que aquela lhe retorquiu serem eles “felizes nesse ponto; mas no Brasil não havia tais pessoas e as crianças ficariam entregues ao cuidado e exemplo dos escravos, cujos hábitos eram tão depravados e cujas práticas eram tão imorais que seria a perdição deles; e aqueles que amam seus filhos precisam tê-los debaixo da vista onde, se é verdade que podem correr o perigo de haver excesso nesse sentido, ao menos não podem aprender nenhum mal”⁴³. Conquanto para ela a escravidão assumisse no Brasil uma forma “mais suave”, confessa o quanto lhe aprazia “reunir estas provas dos males” que tal sistema acarretava. Observa-se um certo esforço, principalmente por parte dos ingleses, em exhibir as entranhas apodrecidas daquele sistema que, como uma enfermidade, contagiava outros setores da vida social. Mulheres e crianças brancas tornavam-se criaturas dominadas pelos defeitos e pela má formação moral e subjugadas pela autoridade patriarcal constituída sobre uma organização social despótica.

As relações de poder entre brancos e negros no Brasil refletiam-se também na tirania exercida pela criança sobre sua babá negra, como só ela tinha meios de fazê-lo. Um observador expressa num lampejo: a ama “é uma inferior, e a criança sabe disso”,

43. M. GRAHAM, op. cit., pp. 307-308. Embora no Censo inglês de 1841 o número das governantas ainda estivesse somado ao das professoras, no de 1851 elas eram mais de 21.000. W. NEFF, op. cit., p. 153.

mas, como consequência, a mãe também “é uma inferior, pelo seu *status* social, e não se aventura a frustrar a criança. O pai, em quem a autoridade descansa, esquiva-se sobre os irresponsáveis, que não se atrevem a deitar mãos sacrílegas sobre o herdeiro do poder. O resultado disso, é que o treinamento de uma criança aqui consiste em deixá-la tomar seu próprio caminho tanto quanto possível, e as pequenas travessuras e orgulhos transformam-se em aniquiladora vaidade e arrogância. A escravidão tem a culpa disso, a escravidão negra e a escravidão da mulher, que não dá à mãe qualquer autoridade”⁴⁴. Mas, enquanto muitos estrangeiros expunham uma visão negativa e preconceituosa a respeito dos negros, uma fé subjacente no progresso e na evolução social fazia com que outros se apressassem a explorar quaisquer evidências de que valores liberais, diríamos mesmo “civilizados”, vinham se desenvolvendo também no Brasil⁴⁵.

44. H. H. SMITH, *Brazil the Amazon and the Coast*, New York, Charles Scribner's Sons, 1879, p. 468.

45. Charles Darwin menciona as atrocidades contra os escravos presenciadas por ele na América do Sul e praticadas por pessoas cegas à alegria natural do negro a ponto de dizerem que a escravidão era um mal tolerável: *Journal of Researches into Natural History and Geology of the Countries Visited During the Voyage Round the World of HMS "Beagle" under the Command of Captain Fitz Roy*, RN, London, J. Murray, 1901, p. 118.

Os mosquitos

Se, por um lado, o poder concentrado nas mãos do pai ajudava a retirar da mãe toda a autoridade, por outro, tampouco aquele desempenhava o papel de educador e, ao recomeçar a história, novos adultos arrogantes vinham ocupar os lugares dos primeiros. Aliada à impotência dos pais diante dos filhos, a decantada gentileza dos brasileiros com as crianças atuava no sentido de torná-las “muito mimadas, e cada uma delas é um *enfant terrible*”, reporta May Frances. Assim, diz, eram formados os futuros “senhores da criação”, prontos a perpetuar o ciclo da dominação sobre os negros e sobre as mulheres brancas. Seu irmão, um engenheiro inglês, algumas vezes falava com as mães e irmãs desses infantes que eles “poderiam ser recuperados por uma boa sova, e descrevia para elas o sistema britânico de *nurseries*, aposentos onde os pequenos ficavam para nunca incomodar os adultos. O horror e desprezo que elas exibiam eram divertidos”⁴⁶. As crianças inglesas eram segregadas, ainda que a “*nursery*” não passasse de um pequeno quarto no andar superior das casas⁴⁷.

Os britânicos questionavam também a falta de rigor dos pais brasileiros com seus filhos, cuja formação era deixada ao discernimento dos criados. Os ingleses tinham angariado a fama de pais insensíveis devido, em parte, ao costume que mantiveram, entre os séculos XIII e XIX, de enviar seus filhos, dos sete

46. M. FRANCES, *Beyond the Argentine, or Letters from Brazil*, London, W.H. Allen and Co., 1890, p. 121.

47. L. DAVIDOFF, J. L'ESPERANCE e H. NEWBY, “Landscape with Figures: Home and Community in English Society”, in: Mitchell e Oakley (ed.) *The Rights and Wrongs of Women*, Middlesex, Penguin Books, 1976, p. 154. Neff acredita que “a criança vitoriana, banida da sala de estar, aparentemente ditava as regras na *nursery*” e, se não tornava a vida das governantas impossível, era capaz de causar-lhe suficientes tropeços. W. NEFF, op. cit. p. 170.

aos nove anos de idade, a outras casas para serem instruídos nas funções de criados e aprendizes, e onde ficavam por um prolongado período. Enquanto a França já vivia, nessa época, o seu “descobrimento da infância”, como denominou Ariès, na Grã-Bretanha “a educação aristocrática, até o século XX, foi influenciada pelo modelo espartano em maior extensão do que em outros países da Europa. Os filhos eram retirados da casa paterna no início da adolescência e forçados a trabalhar para outras pessoas”⁴⁸. Os viajantes que ali estiveram entre os séculos XVI e XVIII, diz Flandrin, “impressionavam-se com a brutalidade dos ingleses para com os adolescentes”. Durante o período vitoriano havia um grande número de moças de boa educação e muitas vezes provenientes de famílias arruinadas que trabalhavam como governantas⁴⁹.

As casas brasileiras, populosas e sem quaisquer espaços reservados para os menores, ou que, ao menos, lhes fossem interditos, pareciam extremamente incômodas aos ingleses. Além disso, o brasileiro considerava “uma crueldade” levar os filhos para a cama durante o dia, portanto “tinha-se o prazer de sua companhia sem qualquer interrupção”. Isto fazia os meninos brancos parecerem ainda “piores do que os mosquitos”, praga das mais desesperadoras para os que vinham do hemisfério norte. As criaturas usavam a sala de refeições como seu “território de caça” por excelência. Ali, “quando não se ocupam em devorar tudo o que podem agarrar, apostam corrida em volta da mesa e criticam os *inglesi*”. Num jantar ao qual estavam presentes quatro crianças, de dezoito meses a sete anos, duas babás concentravam-se em dar de comer ao bebê que gritava a cada colherada, enquanto os outros três lutavam com facas e socavam-se com destreza. Assistiam-se ali a meninos de sete e oito anos fumando sem que ninguém expressasse qualquer desaprovção. Enfim, o observador conclui, “crianças no sentido inglês não existem no Brasil...”⁵⁰. Uma única menção foi feita a “jovens cavalheiros e damas depois dos três anos”; tratava-se de pequenos mineiros⁵¹. Mas, “o que se pode esperar das mulheres desse país transformadas em mães? Felizmente, em clima tão cálido, não há a exigência de que as mães vistam seus filhos desde cedo, porque tanto meninos e meninas correm pela casa nus, até que tenham mais ou menos cinco anos, e três ou quatro anos depois desse período eles não usam nada mais do que as roupas interiores. Nesse estado, é verdade, eles são vistos apenas pelos membros da família, ou por amigos íntimos...”⁵².

Os infantes brancos ofereceram suficientes motivos de desespero para os forasteiros que deles deixaram descrições pouco animadoras. Andavam por toda parte total ou parcialmente

48. J. L. FLANDRIN, *Families in Former Times. Kinship, Household and Sexuality*, trad. Richard Southern, London, Cambridge University Press, 1979, p. 241. Elias mostra que, na Inglaterra, uma só palavra era utilizada para significar criança e criado.

49. Um cavalheiro norte-americano do sul escreveu em 1791 a um inglês sobre as vantagens do sistema adotado nos Estados Unidos em relação ao que estava em uso na Inglaterra: “Em nosso país, onde a fadiga e os problemas de educar seu filhos são necessariamente impostos à mãe, talvez os efeitos mais perniciosos dos maus exemplos não sejam tão temíveis quanto naqueles países onde são mais comuns as babás e governantas, usualmente desinteressadas sobre o futuro caráter das crianças de que cuidam”. C. CLINTON, op. cit., p. 126.

50. E. R. P. EDGCUMBE, *Zephtes - a Holiday in Brazil and on the River Plate*, London, Chatto & Windus, 1887, pp. 47-8.

51. R. F. BURTON, op. cit., p. 326.

52. J. LUCCOCK, op. cit., p. 117. Esta inocente nudez paradisíaca era comum em países americanos de colonização hispânica.

despidos, infestados de piolhos, amarelados, suas mãos eram “pegajosas e malcheirosas”, profundamente sujos, suas bochechas mostram camadas contornadas de imundície, onde a cada hora um caminho de lágrimas lava o solo em sulcos sucessivos⁵³. Um engenheiro que teve a roupa manchada por um destes desejava que agarrassem o infeliz culpado com um apropriado par de pinças e o jogassem num agradável chiqueiro. E por vezes não havia saída a não ser beijar, como mostra de simpatia, “quelle horreur! a uma filhinha de cara suja”, do anfitrião⁵⁴. Os filhos dos senhores decididamente não eram “beijáveis”. Mimados pela mãe branca e pela mãe preta, eles resultavam ser, em geral, terrivelmente mal-educados: “Gritam à menor provocação, mordem, arranham e ainda insultam as pacientes negras que cuidam deles”. Às lamúrias da mãe do tipo: “Ai! Meo Deos!... Nao faco isto, meu bem. Não chora benzinho. Ah! Meo Deos!”, o pequeno redobrava a gritaria e era levado chutando e mordendo⁵⁵.

Padrões opostos governavam a vida dos meninos de classe média inglesa, em meados do século; eles “deviam ser másculos, observar a etiqueta de tirar o chapéu, abrir portas, oferecer cadeiras às damas, proteger suas irmãs contra insultos e agressões”. As meninas eram responsáveis pelo exemplo a seus irmãos menores demonstrando um comportamento de dama⁵⁶. Suas roupas obrigavam-nas a uma grande imobilidade física e elas estavam sujeitas a outras severas restrições devidas à etiqueta, usando, como “corretivo” da postura, uma torturante tábua presa às costas, de modo a obrigá-las a ficar permanentemente eretas. Na “nursery” elas deveriam manter ordeiros e disciplinados irmãos dois a três anos mais velhos do que elas, e “tornavam-se mentoras a uma idade muito tenra...”⁵⁷. Meninas e meninos tinham espaços reservados e não podiam interferir impunemente no mundo dos adultos. Diante de tais regras de comportamento, a criança brasileira parecia selvagem e sua mãe branca, educada ela própria com tanta parcimônia, pouco podia contribuir no sentido de civilizá-la.

As crianças abandonadas

Os bebês brancos, entregues aos cuidados das amas, decerto concorriam com as necessidades dos pequenos cativos, e talvez interferissem nas suas possibilidades de sobrevivência. Por essa razão, alguns estrangeiros denunciaram a utilização da “Roda” como sendo um mecanismo para separar a mãe negra do filho,

53. J. W. WELLS, op. cit., vol. II, p. 261.

54. S. G. ARNOLD, *Viaje por America del Sur - 1847-1848*, Buenos Aires, Emecé Editores, 1951, p. 22.

55. J. W. WELLS, op. cit., vol. II, p. 261. As frases maternas foram curiosamente escritas em Português no texto original, o que demonstra o estado de espírito daquele que as ouvia, decerto com demasiada frequência.

56. DAVIDOFF, *L'ESPERANCE* e NEWBY, op. cit., pp. 165-166.

57. “At Home and School” publicado em 1859, in: DAVIDOFF, *L'ESPERANCE* e NEWBY, op. cit., p. 165.

58. D. P. KIDDER e J. C. FLECHTER, op. cit., p. 130.

59. W. A. COOK, op. cit., p. 193.

60. C. C. ANDREWS, *Brazil its Condition and Prospects*, New York, D. Appleton and Co., 1891, 3ª ed, pp. 45-46.

61. M. GRAHAM, op. cit., p. 345.

62. Havia um asilo masculino em Botafogo que ensinava ofícios. T. EWBANK, *Life in Brazil; or a Journal of a Visit to the Land of the Cocoa and the Palm, with an Appendix Containing Illustrations of Ancient South American Arts Recently Discovered Implements and Products of Domestic Industry, and Works in Stone, Pottery, Gold, Silver, Bronze &c.*, New York, Harper & Brothers Publishers, 1856, p. 385.

de modo a dar lugar em seu peito à criança branca. Alegava-se “que muitos dos expostos são produtos das mulheres escravas, cujos senhores, desejando os serviços das mães como amas-de-leite ou não querendo o aborrecimento e as despesas da manutenção de crianças, exigem que elas sejam enviadas à Enjeitadoria”, isto é, às Casas de Expostos⁵⁸. Fala-se em quatrocentas, seiscentas, e até em médias superiores a mil e cem crianças por ano, brancas, negras e mestiças “despejadas” nessas instituições de caridade, onde menos da metade delas sobrevivia às doenças, em geral adquiridas previamente a seu abandono. Numa narrativa publicada em 1909, bem ao gosto romântico da época, um viajante descrevia uma cena que é quase lugar-comum na literatura: “Numa noite escura, portanto quando os portões do abrigo estavam fechados com grades e nenhuma pessoa estava por perto, uma infeliz mãe, procurando esconder sua identidade e sua vergonha, colocou seu bebê no cilindro, então deu-lhe uma meia volta, que deixou a abertura voltada para dentro, e ao mesmo tempo tocou o sino para informar à atendente do abrigo sobre o depósito recente. Feito isso, ela desapareceu, enquanto um funcionário veio, retirou a criança e cuidou dela”⁵⁹. Recebidos, os bebês eram atendidos durante oito dias e “então levados a famílias pensionadas por mais ou menos cinco dólares por mês, cada, até um ano e meio de idade, depois do que são pagos dois dólares e meio por mês... Escravas são invariavelmente empregadas como amas secas, sendo a política do asilo não contratar nenhuma das mães dos abandonados”⁶⁰. De muitos dos bebês dados a criar a certas famílias não se voltava a ter notícias, e “não porque todos tenham morrido, já que a tentação de conservar uma criança mulata como escrava deve, ao que parece, garantir o cuidado com sua vida”⁶¹. Diz-se que os filhos de escravas que conseguiam sobreviver tornavam-se livres.

Os asilos de meninos e meninas recebiam os maiores, selecionados entre aqueles que eram abandonados nas Rodas, e lhes davam instrução; no caso dos meninos, de caráter profissionalizante e, no das meninas, ensinavam-nas a ler, escrever, costurar e preparavam-nas para o casamento, abrindo a casa uma vez por ano para a visita de rapazes que procuravam encontrar noiva entre as residentes⁶². A instituição encarregava-se também de investigar os pretendentes, seu caráter e projetos, antes de conceder permissão para o enlace. Estes abrigos forneciam, às noivas que tinham crescido sob seus cuidados, dotes que variavam de 200 a 400 mil réis. Um dos mais enaltecidos era o Convento de Misericórdia. Mas mesmo que o humanitarismo dessas instituições fosse amplamente reconhecido, questionava-se, por um lado, se a recepção secreta dessas crianças não fomentaria o vício, encorajando “o abandono de-

pravado e não natural” dos filhos⁶³; por outro, se tal uso ajudaria, em alguma medida, na prevenção do infanticídio, apesar, certamente, de desencorajar a prática de abandonar bebês nos degraus das casas⁶⁴. Mesmo as mulheres negras, sobre as quais se tinha uma imagem maternal, eram acusadas pelo uso frequente de “meios de natureza vil... para prevenir o nascimento de crianças”, não sendo a prática do infanticídio pouco comum⁶⁵. O horror ao cativo e o próprio fato de elas serem reconhecidas por sua notável dedicação aos filhos serviam de explicação para práticas dessa natureza. “Muitas delas, particularmente as escravas minas, têm a mais forte repugnância de ter filhos, e usam meios para extinguir a vida antes que a criança nasça, precavendo-a, como elas dizem, da aflição de ser escravas no mundo”⁶⁶.

Um naturalista brasileiro que morou na Filadélfia nos anos 1798 e 1799 referiu-se às maneiras pelas quais as famílias norte-americanas ocultavam o nascimento de crianças ilegítimas, divulgando que a mãe se encontrava a passeio, ou se desfaziam dos bebês indesejáveis. Ele conta que uma criança recém-nascida apareceu morta na neve defronte de sua casa. E, “por ocasião disso se me contou que o crime do infanticídio foi aqui muito comum há alguns anos; a razão é porque não há roda de enjeitados, e a casa de criar meninos não recebe as crianças sem que alguma pessoa abonada se obrigue a pagar-lhe a educação, ou que a mãe ou o pai se declare, e como isso punha a mãe em circunstâncias de expor o seu crédito, ou expor a vida de seu filho, este último partido era sempre tomado”⁶⁷. Segundo disseram ao autor, uma redução dos infanticídios tinha ocorrido nos últimos anos graças à instituição do Colégio de Willmington, que se encarregava da educação de moças.

Em Londres, no século passado, as mulheres grávidas, solteiras e pobres, tinham também poucas opções para criar seus filhos. Para elas a ama era uma necessidade... além de eventualmente cumprir a dissimulada função de ajudá-las a se desfazerem dos bebês que não podiam criar, diz Ann Oakley. As “baby-farmers” colocavam anúncios de “adoção” de bebês mesmo nos jornais mais tradicionais e religiosos. Na maioria dos casos tratava-se de mulheres idosas que se encarregavam de um grande número de crianças em troca de uma mensalidade, sendo às vezes responsáveis, mesmo que involuntariamente, por muitos óbitos devidos a maus-tratos, falta de recursos e de higiene ou ao descuido. Somente no mês de maio de 1870, foram encontrados os corpos de dezesseis crianças sob os arcos das ferrovias de Brixton e Peckham, zonas londrinas pobres. Em toda a cidade registraram-se, no mesmo ano, duzentas e setenta e quatro cri-

63. C. S. STEWART, *Brazil and La Plata - the Personal Record of a Cruise*, New York, G. P. Putnam & Co., 1856, p. 156.

64. “Há dez anos atrás eu visitei uma prisão, num dos menores países protestantes da Europa, onde havia cinquenta mulheres sentenciadas à prisão perpétua pelo assassinato de seus filhos”. C. C. ANDREWS, op. cit., pp. 45-46.

65. J. LUCCOCK, op. cit., p. 42.

66. R. WALSH, op. cit., vol. I, pp. 192-193. Existem também referências ao suicídio, ao qual os escravos recorriam para escapar à sua condição.

67. H. J. COSTA, *Diário de minha viagem para Filadélfia (1798-1799)*, Porto Alegre, Livraria Sulina, 1974, p. 33.

68. A. OAKLEY, "Wise-woman and Medicine Man: Changes in the Management of Childbirth", in J. MITCHELL e A. OAKLEY (ed.), op. cit., p. 42. Ver tb. J. LEWIS, *Women in England 1870-1950: Sexual Divisions and Social Change*, Sussex, Whetsheaf Books, Bloomington: Indiana University Press, 1984, p. 64.

69. J. LUCCOCK, op. cit., p. 42.

70. O autor compara favoravelmente a situação das escravas grávidas e das que haviam dado à luz recentemente em Morro Velho à das trabalhadoras de Lancashire, das operárias das minas de estanho de Cornwall e das trabalhadoras rurais inglesas em geral. R. F. BURTON, op. cit., pp. 208-210.

anças mortas nas ruas dos distritos policiais metropolitanos! Duas "baby-farmers" foram condenadas e uma confessou que, não tendo recursos para pagar as despesas funerárias, abandonava os corpos nas ruas⁶⁸. Em decorrência dessa descoberta, foi editado em 1872 o *Infant Life Protection Act* que obrigava ao registro compulsório de babás e a notificação de morte de crianças criadas fora de casa. As amas inglesas, retiradas das classes mais baixas, eram usualmente acusadas pelos defensores dos direitos das crianças de "assassinadas de bebês".

A proporção do número de crianças no total da população brasileira parecia ser baixa. Mesmo nas famílias mais atentas aos cuidados com seus filhos, poucos sobreviviam. Além de o número de nascimentos ser proporcionalmente pequeno, muitos bebês morriam devido a fraquezas constitucionais, a que eram carregados de maneiras impróprias e alguns eram retirados das estatísticas ao passarem a ser somados precocemente ao número de escravos⁶⁹. Com os crescentes problemas de carência de força de trabalho gerados pela interrupção do tráfico de escravos, a promoção da natalidade e a conservação dos bebês devem ter passado a merecer maior atenção em determinados contextos regionais. Na Mina de Morro Velho, por exemplo, onde o peso da mão-de-obra escrava era significativo, os administradores ingleses adotaram uma política de premiação dos nascimentos, uma "recompensa da fertilidade". Essa era, pensava um viajante inglês, "uma boa idéia, pois por via de regra, a escrava jovem diz: para que uma cativa quer filhos?" Lá, ao contrário, as negras eram estimuladas a procriar, sendo temporariamente afastadas do serviço e "encaminhadas ao hospital no quarto mês". Daí em diante liberavam-nas do trabalho pesado ou mandavam-nas para o departamento de costura. Algumas vezes elas trabalhavam apenas a metade do ano. As criancinhas eram depois entregues aos cuidados de uma escrava idosa e tinham o amplo espaço de um terreiro onde brincavam. Ele assistiu a uma cerimônia de domingo que terminou com a entrega do prêmio a cinco casais. "Os senhores da raça occipita arreganhavam os dentes de alegria — *patulis stant rietibus omnes*". Recebido o prêmio por um segundo bebê, no entanto, o primeiro passava a ser "negligenciado, e raramente o médico era chamado antes que fosse tarde demais". Segundo os registros hospitalares referentes à região, no primeiro semestre de 1867, "o índice de mortalidade dos negros foi o dobro do índice de natalidade: em um total de 1452, nasceram 16 e morreram 32"⁷⁰. Com o objetivo de não deixar que diminuísse o número de seus escravos, diz o mesmo autor, os agricultores brasileiros também permitiam que as mães cuidassem de seus filhos, deixando de trabalhar por dois ou três anos. Nos Estados Unidos conheciam-

-se estabelecimentos dedicados à reprodução de escravos. Os relatos dos estrangeiros dão, ao contrário, a impressão de que no Brasil se preferia desprezar algumas crianças, filhas das escravas, caso suas mães fossem recrutadas para a tarefa de criar um bebê branco.

Os viajeros chamaram a atenção para o que eles consideravam ser um extraordinário desinteresse a respeito do bem-estar, da vida ou da morte dos filhos. Durante o funeral de uma criança, Luccock disse ter encontrado, entre os parentes, mais complacência do que sentimentos de angústia e chegou a ter dificuldades para distinguir entre os presentes quem era a mãe. A aparente insensibilidade diante da perda levava-o a crer que era indiferente se os filhos sobreviviam ou não. O que é aqui interpretado como uma impassibilidade surpreendente talvez não passasse de uma defesa contra um sofrimento recorrente. Na verdade, a atitude dos pais brasileiros não era tão distinta da de europeus ou norte-americanos. Para Gay "vistas da nossa perspectiva do final do século XX, as estatísticas referentes à natalidade, à mortalidade infantil e aos óbitos puerperais no mundo ocidental são aterradoras, mas, nos dias em que Vitória reinava, sua verdadeira dimensão não passava de uma vaga conjectura". As estatísticas disponíveis em 1841, embora incertas, eram todas elas, "na melhor das hipóteses, medonhas". Em 1860 calculava-se que, em Liverpool, para 10.000 crianças nascidas vivas, 5.396 viviam até os cinco anos. Em 1875, na Inglaterra, cada 158 crianças em 1.000 faleciam antes de completarem um ano. E, continua, "a morte de crianças era uma ocorrência quase corriqueira, mas para muita gente continuou sendo aterradora. Por vezes uma certa indiferença um entorpecimento, melhor dizendo, se insinuava na vida dos pais para ajudá-los a tolerar a perda...". Não era insensibilidade, mas autocontrole⁷¹. Para as mulheres religiosas, "a morte dos filhos tornava-se uma provação para a fé"⁷². Ariès nos diz que na Europa, durante séculos, a criança pequena "não contava", visto que não havia garantias de sua sobrevivência.

71. P. GAY, op. cit., pp. 173-174.

72. N. COTT, op. cit., p. 90.

Esposas e mães adolescentes

Finalmente, existem na literatura de viagens graves considerações a respeito da brevidade da infância das meninas brancas, da sua rápida passagem à idade adulta por meio de matrimônios precoces, resolvidos entre seus pais e os pretendentes, e das conseqüências que sua educação incompleta e inadequada

produziria sobre o caráter dos filhos que viriam a ter. Particularmente em relação a estes aspectos, o que ocorria no Brasil contrastava com as profundas mudanças que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha vinham experimentando. A livre escolha do cônjuge, já consolidada entre os norte-americanos, era uma instituição secular na Inglaterra, cuja evolução entre os séculos XII e XIX apresenta características de certo modo únicas na Europa. MacFarlane afirma que, ao contrário do que ocorria em outras sociedades, ali as uniões resultavam de decisões estritamente pessoais e a ética dominante, reforçada pelas seitas da Reforma, não enfatizava a fertilidade, apesar do grande afeto que os pais demonstravam sentir por seus filhos. As mulheres não eram, portanto, vistas como "máquinas de reprodução", nem atingiam dessa forma a condição adulta. O propósito primeiro da aliança entre homens e mulheres não vinha a ser a geração de descendentes. Sempre que a "principal finalidade do casamento é a procriação, obviamente as mulheres são encorajadas a ter filhos o mais cedo possível. Assim, na maior parte das sociedades as mulheres se casam pela primeira vez na puberdade, por volta dos quinze anos. Isso lhes dá cerca de vinte anos de reprodução efetiva, nos quais podem gerar pelo menos dez filhos nascidos vivos. Geralmente a cultura determina essas tendências estatísticas; os casamentos são organizados pela família para que se realizem assim que possível e é extremamente importante que ocorra quando a garota esteja em idade de casar"⁷³. Mas no Brasil, assim como na Europa de origem latina, a decisão ainda obedecia aos interesses familiares e os visitantes lamentavam o costume em vigor no Brasil "de comprometer crianças". Além da forte ênfase na procriação, iniciada assim que a maturidade física das moças o permitia, o monopólio do poder paterno sobre as jovens solteiras expressava-se na necessidade de estabelecer as alianças mais proveitosas do ponto de vista político ou financeiro. Isto muitas vezes se resolvia através dos matrimônios entre primos e de tios com suas sobrinhas, casos em que os maridos poderiam ter idade suficiente para serem os pais de suas esposas, quando não pareciam ser seus avós⁷⁴. A fase da adolescência era ainda desconhecida para as meninas que passavam do brevíssimo interregno da infância à maternidade. Um médico norte-americano acreditava que os casamentos prematuros deviam-se também ao fato de "o desenvolvimento físico das mulheres neste clima ser muito mais avançado do que em latitudes mais frias, e elas tornam-se mães no Brasil antes que as mulheres nos Estados Unidos sejam consideradas núbéis"⁷⁵. Montesquieu, por exemplo, dizia que, nos países tropicais, as mulheres casavam-se aos oito ou nove anos porque envelheciam prematuramente. Essas crenças transmitem a im-

73. A. MacFARLANE, *História do Casamento e do Amor: Inglaterra: 1300-1840*, São Paulo, Cia. das Letras, 1990, trad. Paulo Neves, p. 221.

74. Nas uniões entre septuagenários e moças de quinze anos, a esposa era "da mesma idade que seus netos por afinidade". R. F. BURTON, op. cit., p. 326.

75. J. Mc. F. GASTON, op. cit., p. 110. Acreditava-se também, no período vitoriano, que o desenvolvimento sexual precoce das operárias devia-se ao calor e ao confinamento a que eram submetidas em seus locais de trabalho. W. NEFF, op. cit., p. 55.

pressão de que o clima agia como uma estufa que apressava o amadurecimento físico e o envelhecimento das mulheres. O curto período em que as meninas recebiam instrução, quando chegavam a tanto, era outro fator a apressar os enlaces. O pai de duas bonitas moças que viviam no interior não consentia que aprendessem a ler e escrever “pelo receio de que se dessem à leitura de romances e a escrever cartas de amor”⁷⁶. Em geral, ao completarem treze ou catorze anos tendem-se a acreditar “que a sua educação está completa. Se é rica, está desde logo preparada para a vida, e pouco depois disso o pai apresenta-lhe algum dos seus amigos, com a consoladora observação: minha filha, este é o teu futuro esposo”⁷⁷. Mesmo os pais mais abastados retiravam as filhas das escolas mal saíam da infância porque “o casamento as espreita e não tarda a tomá-las”⁷⁸. Os professores diziam que isso se dava “justamente na idade em que a inteligência começava a se desenvolver”. O acordo era feito à revelia da menina ou senão “a perspectiva dos diamantes, das rendas e das caruagens ofusca a sua imaginação” e ela “sufoca a pequena parte do coração que ainda lhe deixaram e, passivamente, aquiesce ao arranjo feito pelo pai, provavelmente consolando-se com a reflexão de que não lhe é exigido dar total afeto ao futuro companheiro, justamente como se deu com os seus avós...”. Enfim, elas se casavam, fechando-se o círculo do matrimônio por conveniência. Satisfeitos todos os interesses familiares e financeiros, encerrava-se a esposa nos dolorosos limites de uma educação precária e da mútua indiferença afetiva⁷⁹. Apesar de as moças brancas brasileiras entrarem tão precocemente na nubilidadade, o mesmo não acontecia com os rapazes. Maridos e noivos quase senis eram apontados com frequência. Às vezes, dizem alarmados os viajantes, “a esposa parece ser a filha e os pequenos os netos”⁸⁰. Os comentários a respeito desse fato são inúmeros. “Uma brasileira me foi indicada hoje que tem doze anos de idade e dois filhos que estavam fazendo traquinagens ao redor de seus pés. Ela casou-se aos dez anos com um rico negociante de sessenta e cinco, uma violeta primaveril presa numa crespada rajada de neve. Mas as damas aqui casam-se extremamente jovens. Elas mal se ocuparam com seus bebês fictícios, quando têm os sorrisos e as lágrimas dos reis”⁸¹. Um ouvidor da comarca de S. João del Rey, reconhecendo que não podia viver muito mais tempo, e depois de discorrer longamente sobre a incômoda situação de solteiro, anunciou “com grande singularidade” a um capelão inglês que pretendia casar-se, “e de fato ele se comprometeu com uma moça de exatos doze anos, e casaram-se em pouco tempo”⁸². As grandes diferenças etárias entre os cônjuges não eram consideradas raras pelos brasileiros, mas os estrangeiros faziam os mais vivos comentários a esse

76. G. GARDNER, op. cit., pp. 47-48.

77. D. P. KIDDER, *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Rio de Janeiro e província de São Paulo) compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e de diversas províncias*, São Paulo, Livraria Martins, 1940, p. 183.

78. J. L. AGASSIZ e E.C. AGASSIZ, op. cit., p. 569.

79. A moça inglesa de classe média era, durante a época vitoriana, “uma escrava dos desejos de seus pais. Ela era forçada à visão prevalecente do casamento comercial e aceitava o esnobismo social”. W. NEFF, op. cit., p. 204.

80. R. WALSH, op. cit., vol. I, p. 90.

81. W. COLTON, *Rev. Deck and Port, or Incidents of a Cruise in The U. S. Frigate Congress to California, with Sketches of Rio de Janeiro, Valparaiso, Lima, Honolulu and San Francisco*, New York, A.S. Barnes & Co., 1850, p. 108.

82. R. WALSH, op. cit., vol. I, p. 85.

respeito, lançando mão de qualquer recurso literário para divulgar suas surpresa a respeito daquela que lhes parecia ser uma das instituições mais singulares do país. Um capitão da marinha norte-americana conta entre suas proezas a de ter sentado em seu colo “para contar-lhe estórias” a uma menina de treze anos, vindo então a saber que ela era esposa de um sexagenário e mãe de uma criança pequena⁸³. Outro, que esclarece no início de sua obra tê-la escrito para entreter os amigos e o público, narra o que se passara a seu companheiro que tinha feito elogios à filha mais jovem de um senhor de certa idade. Ela era extraordinariamente bela, de fato uma das moças mais lindas que ele havia visto na América e ele a considerava afortunada por ter um pai tão afeiçoado. Ouviu, então, num tom nada gentil: “Pai?! Eu sou seu marido, ela a minha esposa! Mas eu generosamente o perdôo pelo erro já que eu tenho filhas, para dizer a verdade, quase em idade para serem a mãe dela”⁸⁴. No final do século ainda era observada a extrema juventude das noivas, em média de 12 a 16 anos, sendo que “uma mulher de 20 anos é quase uma solteirona”⁸⁵.

Mas nem tudo eram críticas: os grandes grupos de consanguíneos e parentes por afinidade que se formavam a partir de então, fosse por meio das estreitas ligações que se davam entre as famílias de origem de ambos cônjuges ou pelo grande número de filhos que eles geravam, mantinham um intenso convívio considerado testemunho da afetividade entre seus membros. Graças a esse aspecto positivo, um norte-americano se dispôs a esquecer o “lodo social” brasileiro. O amor que faltava entre os cônjuges era derramado por eles sobre os filhos e, quando eles “estão crescidos, a dívida é paga dez vezes com cuidados respeitosos e atenção afetiva... Ele deplorava que, em seu país, os pais caíssem “numa velhice estéril e sem amor, sendo enxotados quando se queria limpar a casa”⁸⁶.

A idade prematura em que as moças se casavam refletia-se tanto nos repetidos malogros que ocorriam ao darem à luz quanto no fato de elas se tornarem velhas e inválidas antes dos vinte e cinco anos, praticamente “incapazes de criar uma família, sendo a mortalidade infantil conseqüentemente muito alta”, comenta um missionário que viveu no Brasil no princípio do século XX⁸⁷. Serve de exemplo uma senhora que, casada aos dez anos, já era mãe antes de ter completado onze e até a idade de quarenta e cinco anos tivera nada menos que vinte e cinco partos, dez dos quais malsucedidos⁸⁸. A incidência de infecções puerperais vinha somar-se à debilitação provocada pelas sucessivas gestações, muitas das quais ocorriam em idade imatura. Tais fatos perturbavam os visitantes e eram objeto de sua reprovação.

83. J. CODMAN, *Ten Months in Brazil: with Notes on the Paraguayan War*, New York, James Miller Publisher, 1872, 2ª ed, p. 172.

84. J. E. WARREN, *Scenes and Adventures on the Banks of the Amazon*, New York, G. P. Putnam, 1851, pp. 236-237. Grifos do autor.

85. M. DICKINS, *Along a Shore with a Man of War*, Boston, Arena Publishing Co., 1893, p. 56.

86. H. H. SMITH, op. cit., p. 463.

87. F. C. GLASS, *Trough the Heart of Brazil. A Diary of Incident and Adventure During a Gospel Expedition of about 5000 Miles by River, Rail and Road, in and around Brazil, with some Information about the Interior Indian Tribes*, Liverpool, The South American Evangelical Mission, 1916, p. 6.

88. G. GARDNER, op. cit., p. 49. Na década de 1890, uma operária inglesa que se casasse por volta dos vinte anos engravidava em média dez vezes.

Quando num segundo casamento um dos cônjuges era viúvo, os filhos das uniões anteriores vinham somar-se à nova prole. Na Europa e nos Estados Unidos, na mesma época, a mortalidade materna era também muito alta⁸⁹. Por isso, no sul norteamericano, onde “o nascimento de uma criança era inquestionavelmente o mais celebrado de todos os eventos familiares”, festejava-se, entre outros motivos, a sobrevivência de mães e filhos⁹⁰.

Manuais de medicina publicados na Inglaterra entre os séculos XVI e XVIII já argumentavam contrariamente aos casamentos e partos em idade precoce e aos efeitos daninhos das relações sexuais para os rapazes muito jovens, enquanto se mostravam favoráveis à independência econômica e à maturidade social dos futuros cônjuges: eles deviam ser capazes de formar uma unidade autônoma e não se contentarem em viver na casa dos pais. Malthus chamava os contratos matrimoniais entre mulheres jovens e homens idosos de “pouco mais que prostituição legal”. Estudos sobre a faixa etária em que homens e mulheres contraíam matrimônio numa região inglesa, no período 1580-1750, estabelecem que os primeiros o faziam em média aos 26 anos, e elas aos 24,5, sendo a maior concentração aos 22 anos para ambos os sexos⁹¹. Com o raiar da era vitoriana, a preparação para o casamento começava mais cedo para os grupos de classe média, e as adolescentes podiam ser estimuladas a urdir seu destino. Ao atingir os treze ou catorze anos, uma menina de classe média “dirige suas atenções aos mistérios dos chapéus e dos mantôs e crinolinas” e procura melhorar suas vantagens no mercado matrimonial, aperfeiçoando seus dotes artísticos e físicos, treinando-se nas graças sociais⁹². A partir daí ela entrava numa nova fase de sua vida, abandonava os jogos infantis e passava a considerar-se uma aprendiz de senhorita. Os valores dominantes enfatizavam também a ignorância feminina quanto aos sentimentos sexuais e sua dependência em relação ao homem: “A mulher inocente não tinha conhecimento de seu corpo e permanecia pueril”⁹³. Os impulsos e o prazer sexual eram impróprios às mulheres “decentes”⁹⁴. Na verdade, no século XIX, “pouco era feito para preparar a jovem noiva para o choque do leito matrimonial. E um manual popular para mulheres casadas intitulado *The Child: its Origin and Development* referia-se ao ato sexual como um sacrifício e como uma prova necessária”⁹⁵. Uma inglesa que viveu no Rio Grande do Sul censurava o fato de as mocinhas brasileiras adquirirem modos e conhecimentos que, a seu ver, eram impróprios à sua idade: “Antes de cumprir dez anos uma menina conhece perfeitamente bem o valor dos homens como maridos, e o que é o flerte, gracejará com suas irmãs a respeito deste ou daquele rapaz e se dará conta muito

89. Os partos ceifaram as vidas de muitas mães no ocidente. Na Inglaterra, “as taxas gerais de mortalidade começaram a declinar nos finais dos anos 1870; de 22,7% elas caíram para 19,2 em 1885 e a 15,3 em 1905. A taxa de mortalidade infantil caiu mais lentamente. Em 1890 morriam 151 bebês para cada mil nascidos vivos, e 154 em 1900. O mais lento de todos os benefícios da medicina moderna foi a taxa de mortalidade materna. Em 1870 ela era de 4,8 mortes para cada 1.000 que davam à luz, e em 1935 ainda era de 4,3”. A. OAKLEY, op. cit., p. 39.

90. C. CLINTON, op. cit., p. 47.

91. A. MacFARLANE, op. cit., p. 226.

92. E. RIEMER e J. FOULT, op. cit., p. 210.

93. J. LEWIS, op. cit., p. 126. Segundo essa autora, “para muitos escritores vitorianos o ideal do casamento parecia consistir num benevolente relacionamento paternal em que o papel (e idade) do marido aproximavam-se dos de um pai...”.

94. Gay contesta essa hipótese, ao menos para o caso das mulheres norte-americanas. Para ele a frigidez feminina não passou de um mito da época vitoriana.

95. D. BEDDOE, *Discovering Women's History - A Practical Manual*, London, Pandora, 1983, p. 22

96. M. FRANCES, op. cit., p. 123.

bem de que seu próprio objetivo na vida é assegurar-se um homem. Quando ela estiver com catorze anos saberá tudo a respeito das coisas que se supõe que uma inglesa não saberá até que esteja casada⁹⁶. Quase com as mesmas palavras, a revista familiar alemã *Daheim* criticava a sensualidade vigente na sociedade norte-americana, dizendo que, ali, as crianças começavam muito cedo sua vida social, e “aos dez anos as meninas já participavam das festas como se fossem adultas, inclusive flertando”⁹⁷.

Ainda que objetivamente a inglesa não passasse da infância aos braços de um marido, vimos que ela, na idade em que a brasileira era arrebatada pelo matrimônio, afanava-se em preparativos para alcançar seu melhor destino, o que lhe garantia o único futuro digno desde o ponto de vista da ideologia vitoriana: casar-se⁹⁸. Os objetivos da instrução e educação das meninas — ainda que diferenciados entre si na Inglaterra, no norte e no sul dos Estados Unidos — estavam inteiramente, mesmo que nem sempre adequadamente, dirigidos para seu futuro de donas de casa. A versão mais aristocrática dessa instrução era a consagrada aos *accomplishments*: piano, dança, desenho, francês, bordado, canto e pintura. Desde que ingressava na adolescência, a moça iniciava uma vida de visitas, chás e festas dedicada a contatar possíveis pretendentes. Nesse quadro social, permanecer solteira era, para a inglesa especialmente, depender da caridade de parentes, tornar-se governanta em troca de baixos salários e, pior que isso, sujeitar-se ao mais entristecedor opróbrio. Para as moças inglesas solteiras, quase sempre oriundas de famílias arruinadas financeiramente, a sina de governantas parece ter sido mais humilhante e dramática do que para as americanas do norte, que chegavam a trabalhar e a sobreviver como professoras em escolas e às vezes preceptoras de crianças em fazendas do sul. A escolha de permanecer solteira, atribuída nas décadas de 20 e 30 nos Estados Unidos a uma espécie de “trauma matrimonial”, não representava um grave estigma. Temendo que os matrimônios fossem decididos mais por motivos econômicos do que afetivos e por não enxergar vantagens apreciáveis no casamento, um considerável número de mulheres preferiu não se casar. Mas nem por isso deixaram de ter pesadas responsabilidades domésticas junto a suas mães, irmãos menores e irmãs casadas, acabando às vezes por substituí-las no leito dos cunhados viúvos e assumir a criação dos sobrinhos.

A menina branca das famílias brasileiras de posses era para ser entregue, assim que atingisse uma precária maturidade física, a um novo guardião a quem quase imediatamente daria herdeiros. Ela entrava como um objeto de barganha entre seu pai e

98. Na Inglaterra, fatores como as guerras contra Napoleão e migrações provocaram repercussões demográficas. O número de mulheres foi, durante boa parte do século, bastante superior ao de homens, frustrando moças que deviam cumprir os objetivos que lhes eram socialmente impostos. Em 1851 o excesso era de 365.159 mulheres. Havia também altas taxas de homens que não se casavam. W. NEFF, op. cit., p. 12.

algum senhor, possivelmente idoso, que desejava casar-se e gerar filhos brancos. Por isso ela era criança por muito pouco tempo: somente o indispensável. Não se pensava em fornecer-lhe uma preparação específica para o papel de mãe ou de dona de casa, como se fazia na Inglaterra e nos Estados Unidos, nem se necessitava poli-la para que melhor concorresse no mercado matrimonial, menos ainda para tornar-se uma companhia agradável para seu marido. Outras eram as funções de dona de casa e de mãe no Brasil. Provavelmente, ao passar de sua família de origem, do mundo feminino composto por sua mãe, irmãs, escravas e crianças, para o de suas próprias criadas e filhos, a menina estava melhor preparada do que os estrangeiros poderiam supor para o papel que lhe seria exigido cumprir.

Aos viajantes europeus parecia que nos Estados Unidos as mulheres se casavam muito cedo. Estudos demográficos comprovaram essa impressão e mostraram algumas particularidades regionais. Nos inícios da República havia três grandes diferenças entre a sociedade sulista e a do norte no referente ao matrimônio: no sul dava-se maior importância à riqueza como fator da escolha do cônjuge, era maior a frequência dos casamentos interfamiliares, e a idade média da noiva era bem mais baixa do que a do noivo, que tinha de demonstrar sua independência financeira. Para os nascidos entre 1765 e 1815 no sul do país, a idade média masculina ao casar era de 26 anos para os rapazes, e em torno dos 20 para a moça; no norte, a média era a mesma para os rapazes, mas passava para os 24 anos entre as moças. No decorrer do século esses limites tenderam a subir. Estima-se também que a idade matrimonial média entre as moças de New England estava entre os 22 e 23 anos no período que vai do século XVII a 1840⁹⁹. Apesar de se acreditar que essa precocidade contribuía para a alta mortalidade das parturientes, não havia qualquer estigma associado a se ter uma noiva muito jovem. Manuais de casamento norte-americanos do século XIX impunham algumas restrições a esses costumes, e alertavam para os perigos de que homens de meia-idade se lançassem a tais indulgências sexuais, o que, segundo Peter Gay, só servia de testemunho para a frequência com que elas ocorriam. Na opinião de um médico da época, as uniões “entre homens beirando a decrepitude e pobres mocinhas” são “repugnantes à natureza”, “monstruosas”, “perigosas para o marido, para a mulher, e, se vierem a dar frutos, para os filhos”¹⁰⁰. No entanto, presume-se que se via como recomendável certa diferença de idade, tanto por motivos econômicos como físicos. Os viúvos que retornavam ao mercado matrimonial escolhiam moças muito mais jovens e, “por isso os círculos de classe média estavam totalmente acostumados a casamentos celebrados entre

99. C. CLINTON, op. cit., p. 60 e apêndices A, p. 233, e B p. 240; e COTT, op. cit., pp. 13-14.

100. Dr. A. Gardner, in: GAY, op. cit., p. 82.

homens maduros e moças mal saídas da adolescência” e, na medida em que na cultura norte-americana “a idealização dos pais pelas filhas era encorajada... e a afeição demonstrada pelos pais para com suas filhas tinha rédea solta...”, estabelecia-se um padrão erótico que valorizava as ligações nas quais existiam consideráveis diferenças etárias¹⁰¹.

Apesar de que, no decorrer do século XIX, já existisse espaço no seio das famílias burguesas européias e norte-americanas para as escolhas baseadas em critérios afetivos, a paixão amorosa ainda podia aparecer como “uma forma de negligenciar o sério dever de encontrar um parceiro adequado”, isto é, rico ou dotado de possibilidades de vir a sê-lo¹⁰². Um conhecido ditado norte-americano “aconselhava um jovem à procura de uma noiva a não se casar por dinheiro, mas a ir procurá-la onde houvesse dinheiro”. No entanto celebravam-se muitas uniões em que o afeto era a motivação principal e os cônjuges “expressavam sua devoção um ao outro muito abertamente. Diários e cartas estão repletos de doces expressões de amor e nostalgia”¹⁰³. Temos um exemplo desse tratamento numa carta dirigida à sua esposa por um norte-americano do sul e incluída em sua obra sobre o Brasil¹⁰⁴. Mas como no sul dos Estados Unidos a família era o conduto pelo qual passavam a riqueza, o poder e a terra, para mantê-lo mais fechado realizavam-se muitos casamentos entre parentes e entre viúvos e suas cunhadas. Os virginianos eram conhecidos no país pelo costume de se casarem entre primos¹⁰⁵. A Igreja Anglicana proibiu ambos, mas o último só se tornou de fato ilegal na Inglaterra a partir de 1907 com o *Deceased Wife's Sister Marriage Act*¹⁰⁶.

Do que foi dito até aqui podemos ver consideráveis diferenças regionais tanto no interior da Europa como nos Estados Unidos. Dentre os fatores culturais e econômicos a que podemos imputar a tendência a que as moças se casassem mais cedo estariam: a maior subordinação feminina, a procriação como objetivo primordial do matrimônio, a sujeição dos interesses pessoais aos familiares que retirava esta decisão das mãos das mulheres e, em suma, um grau ainda muito reduzido de individualização que acompanha a ênfase nos critérios afetivos para a escolha do cônjuge. No encontro de duas culturas, essas dessemelhanças ficam muito mais evidentes e servem para demarcar aquelas sociedades onde imperam os padrões tradicionais e outras nas quais a mulher já vinha alcançando uma certa independência com respeito à família.

Cabe aqui uma nota: o anglo-americano parecia não se dar conta de que as mocinhas negras e mestiças passavam também da

101. P. GAY, op. cit., p. 82.

102. P. GAY, op. cit., pp. 15 e 318.

103. C. CLINTON, op. cit., p. 69.

104. J. Mc. F. GASTON, op. cit., pp. 169-170.

105. C. CLINTON, op. cit., p. 78.

106. C. CLINTON, op. cit., p. 79.

infância à maternidade, embora por razões bem distintas daquelas que servem para explicar o que acontecia às brancas.

Conclusões

Princípios muito caros aos viajantes estavam envolvidos em suas avaliações a respeito da criança brasileira: sua inserção na família, seu lugar na vida social, o papel que os adultos exerciam sobre a sua formação e, enfim, o impacto que o sistema escravista tinha sobre ela. As ideologias predominantes nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha já vinham valorizando a infância como etapa preparatória para a vida adulta, na qual eram moldados os futuros cidadãos e onde se aprendiam, principalmente por meio das mães, as retas qualidades morais, civis e religiosas. No Brasil eles não conseguiam pressentir um real esforço educativo por parte dos responsáveis pelas crianças: pai, mãe ou ama. O papel da mãe branca, tanto na criação como na educação dos filhos, era quase inexpressivo, e seu poder e ocupações relativas aos pequenos, que cresciam soltos, reduzidíssimos ou, no mais das vezes, inteiramente delegados a uma criada. E, embora se reconhecesse a forte afetividade que a unia a seus filhos, a mãe não tinha claros deveres em relação a eles e sequer sentia-se responsável pelos cuidados mínimos com a sobrevivência de seus rebentos. As únicas mulheres que revelavam certa dedicação a essas tarefas eram as amas negras mas, por outro lado, elas exerciam sobre os pequenos a influência maléfica atribuída ao sistema do qual eram parte. Como já acontecera antes na Europa, é provável que as crianças brasileiras, enquanto "recursos renováveis", fossem socialmente pouco significativas. O certo é que o sistema de relações escravistas tampouco permitia a existência de qualquer consciência de cidadania, menos ainda como resultado de um projeto educativo iniciado na infância. A criança dava a impressão de reinar absoluta na casa e nas ruas, e, especialmente no caso das brancas, não havia autoridade que pretendesse impor-se sobre elas. Elas eram, segundo os estrangeiros, seres não socializáveis. Vistos como anjos inocentes, eram de fato pequenos selvagens imprudentemente descuidados pelas mães e que em algumas ocasiões conseguiam sobreviver graças ao clima benigno. Tratados com excessiva complacência pelos adultos, cresciam malcriados, não importando sua cor e condição, como era o caso das "crias" da casa. Sem dúvida os estrangeiros percebiam que, em certas conjunturas, estas últimas mal eram tidas como crianças, sendo logo tratadas

como cativos. Em outros, tem-se a impressão de que eram os próprios forasteiros os que não lhes reconheciam o direito de sê-lo, queixando-se de sua presença dentro das casas e de sua influência moralmente "contagiosa" sobre o caráter dos meninos brancos.

Ao contrário do descaso que se via no Brasil, em geral entre os anglo-americanos a infância já era motivo de preocupação. Ideologias educacionais e religiosas apontavam para a maleabilidade das mentes dos pequeninos e, ao mesmo tempo, vinham aumentando as responsabilidades e as tarefas modeladoras das mães, assim como sua ansiedade no cumprimento dos deveres que lhes eram confiados. Surgiam a cada ano novos manuais de conselhos sobre a educação, sobre os cuidados com a saúde, sobre a psicologia infantil; publicavam-se artigos em jornais e em revistas, variações do tema eram expostas nos púlpitos; discursava-se sobre os currículos mais adequados às tarefas dos dois sexos, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. Na mesma proporção, exigia-se da criança inglesa e da americana branca um regrado comportamento, condizente com aqueles ideais morais e, embora hoje se procure mostrar que naquelas sociedades a indiferença em relação aos filhos era apenas uma aparência, normas de etiqueta expressavam medidas de distância entre adultos e crianças infinitamente maiores do que as existentes no Brasil. Os anglo-americanos mantiveram também, durante todo o século XIX, uma diferenciação bem nítida dos papéis sexuais desde a mais tenra infância. Enfim, a maternidade adquirira naqueles países um forte conteúdo moral que, do ponto de vista dos viajantes, era absolutamente inexistente no país que visitavam. Por outro lado, no sul dos Estados Unidos, onde negros e brancos conviviam, a separação social, mesmo entre as crianças, era muito mais rigorosa, causando espécie aos estrangeiros a descuidada mistura que se via no Brasil.

Para ingleses e norte-americanos, a condição das crianças do Brasil era o espelho dos males que atingiam o país na época: "Indolência, orgulho, sensualidade e egoísmo, estas são as conseqüências da escravidão que acabaram escravizando os inventores do cativo e seus filhos"¹⁰⁷. Estes exibiam os resultados da promiscuidade racial e sexual, do injusto sistema escravista, da carência que acusava a sociedade brasileira de uma moralidade mais sólida e até mesmo de uma definição precisa das responsabilidades de pais e mães. O abandono ao qual eram relegadas as mulheres brancas do país, sem acesso à educação e sem deveres cívicos que correspondessem ao lugar que lhes cabia ocupar na sociedade, definiam o horizonte de seus filhos. Por fim, o pouco que se diz a respeito da sorte das crianças

107. H. H. SMITH, op. cit., p. 467.

mulatas e escravas deixa claro que seu horizonte era ainda mais estreito. Sobrevivendo ao acaso, sujeitas à morte precoce e às influências "perversas" da promiscuidade, rara vez associada aos laços do afeto ou das leis, elas carregavam uma herança que aflige a infância brasileira até os dias de hoje.

Endereço da autora:

R. Cristina, 84

30310-800 — Belo Horizonte — MG